

Novas práticas e representações da família e do amor na era das revoluções*

New practices and representations of the family and love in the age of revolutions

Larissa Brunnon Querino de Almeida¹
Raphael Lana Seabra²

Resumo

O objetivo deste artigo busca fazer uma revisão bibliográfica acerca das representações da família, do amor e das relações sociais efetivadas com base na Revolução Industrial e levadas adiante pela Era das Revoluções. Para isso serão analisados autores como Roger Chartier, Mary Del Priore, Friedrich Engels, Eric J. Hobsbawn, entre outros, que, de alguma maneira, abordam essa temática e, com o auxílio de suas ideias, analisar como as relações familiares vão ser reconfiguradas para as novas urgências e demandas do mundo contemporâneo. As novas formas de se relacionar com um mundo industrializado exigiram novos modos, estratégias e práticas de relacionar com o outro. Partindo da esfera social, o artigo busca traçar um diálogo dos fenômenos produzidos e dissolvidos pela Revolução Industrial, bem como compreender seu impacto nas representações de famílias no século XIX, e revelar de que modo esses fenômenos passaram a influenciar na mudança de papéis e de estruturas antigamente outras, passando a construir novos modelos de família, de relacionamentos e da própria concepção do que é o amor.

Palavras-chave: Representações afetivas. Revolução industrial. Estrutura Familiar. Relações sociais.

Abstract

The aim of this article seeks to make a bibliographical review about the representations of family, love and social relations toked effect based on the Industrial Revolution and toked away for the Revolution Age. For this we shall analyze scholars like Roger Chartier, Mary del Priore, Friderich Engels, Eric Hobsbawm among others, who somehow discuss this thema and with the help of yours ideas, analyze how the household relations will be reconfigured to the new urgencies and demands of the contemporary world. The new ways to relate with an industrialized world demanded new manners, strategies and practices to relate with each other. Starting from the social sphere, the article seek to trace a dialogue of the phenom-ena produced and dissolved by the Industrial Revolution, as well understand their impact on the representations of families in the 19th century, and reveal how theses phenomena came to influence the changing of the roles and the formerly structures, moving to build new models of family, relationships and the conception of what is love.

Keyword: Affective Representations. Industrial Revolution. Family Structure. Social Relationships.

* Recebido em: 28/03/2016.
Aprovado em: 04/04/2016.

¹ Estudante de graduação em História, 2015, Centro Universitário de Brasília, E-mail : larissa.brunnon@gmail.com

² Coautor Doutor em Sociologia pela Universidade de Brasília, Docente do Curso de História do Centro Universitário de Brasília, E-mail: raphaelseabra@hotmail.com

1 Introdução

Escrever sobre as representações de família, de amor e das próprias relações sociais pode nos parecer corriqueiro e demasiado simples. A função deste artigo busca compreender que um problema tão aparentemente prático como as relações familiares é resultado de uma série de mudanças nas estruturas do século XIX, que desencadearam consigo novas condutas, novos padrões de relações, novas concepções de família e uma nova forma de encarar o mundo.

Inicialmente para pontuar o que se entende sobre a “era das revoluções”, o artigo irá se amparar teoricamente no escritor Eric J. Hobsbawm que entende a era das revoluções como um conjunto de transformações que ocorrem na Europa entre 1789-1848, naquilo que o autor vai denominar como “dupla revolução” que é a união da: Revolução Francesa e da Revolução Industrial.

Essa investigação surgiu da intenção de entender como a Revolução Industrial dissolve antigas práticas relacionadas às relações familiares e amorosas, por exemplo, a antiga relação com o campo, a vida comunitária, os núcleos familiares grandes.

Esse artigo tem como objeto de estudo a: família e o amor do século XIX. Tais palavras foram escolhidas pelo fato de serem raramente utilizadas para entender as modificações ocorridas após as revoluções³. Nesse sentido, o nosso objeto de pesquisa pode representar uma outra possibilidade para alcançar os objetivos propostos, não apenas nos âmbitos políticos e econômicos, mas também na ordem social.

As questões que auxiliaram durante todo o artigo giraram em torno das temáticas como a Revolução Industrial e o choque que ocorre nas relações humanas, amorosas e familiares. Os seguintes questionamentos: “quais fatores da Revolução Industrial e da introdução da era do capital conseguiram de fato abalar as antigas formas de representações familiares? Quais os impactos que a família do século XIX sofrerá no seio de uma sociedade industrializada? E por fim quais novas formas de representações familiares e sociais são reintroduzidas nos laços familiares e de qual forma isso repercutirá no casamento, no papel de pai, de mãe, esposa, marido, homem e mu-

lher?” buscaram estabelecer um diálogo sobre a forma pela qual são percebidas, de maneiras distintas e ao mesmo tempo relacionadas, essas mudanças, e por fim poder levantar reflexões sobre o período da Revolução Industrial, período tão rico, tão intenso e rápido em mudança.

O objetivo do artigo é apreender como os autores escolhidos e que serão citados mais a frente, percebem essas mudanças no que se refere às representações de amor e de concepção de família no século XIX. E de maneira geral compreender de que forma essas antigas práticas serão modificadas e o que impulsiona essas novas representações.

Para isso é preciso entender mais especificamente o contexto que se encontra inserido as relações de família no século XIX, perceber também como o afrouxamento das relações sociais e o distanciamento da vida familiar é resultado desse processo de industrialização e inserção do capital, analisar também como se dá o papel da mulher dentro desse novo contexto, na esfera familiar, das relações sociais e das próprias relações de trabalho; apreender como a família e o núcleo familiar irão absorver essas mudanças. E, por fim, entender quais as novas práticas de representações de família e de amor irão surgir à medida que urgências e demandas de um mundo capitalista se potencializam, e compreender, dessa forma, de que maneira elas precisam ser incorporadas e ressignificadas não apenas dentro da esfera econômica e política, mas a algo mais complexo que engloba relações sociais, individuais, familiares e amorosas.

A metodologia utilizada nesse artigo foi uma pesquisa bibliográfica e descritiva de vários autores que abordam de alguma maneira o tema. Para nos ajudar nessa tarefa vários autores foram necessários.

Para se falar de representações e associá-las às novas formas de representações familiares no século XIX, o artigo usará como amparo teórico apenas os conceitos de Roger Chartier. Segundo esse autor, quaisquer formas de representações do mundo social, jamais serão um discurso neutro, evidenciando que, muito pelo contrário, são discursos que produzem consigo estratégias e práticas.

No que se refere à contextualização do período que se deseja trabalhar neste artigo, e como não caberia descrever todas as revoluções, será apresentada apenas a Revolução Industrial. Autores como: Eric J. Hobsbawm, José de Andrade Arruda e também Friedrich Engels serão indispensáveis para nos auxiliar nessa tarefa, eles ressaltam, de uma maneira geral, o dissolvimento de velhas

³ Os estudos sobre esse período giram em torno apenas da esfera política e econômica.

práticas pós-revoluções e o surgimento de novas práticas familiares surgidas para dar formatação ao novo paradigma.

Além disso, se fará uso de autoras como Mary Del Priori no livro: *A História do amor no Brasil* e Chiara Saraceno no livro: *Sociologia da família*, que será de utilidade para este artigo em relação a questões sobre casamentos, arranjos, por interesses e os por amor, da ideia do matrimônio como um contrato social e aos aspectos da industrialização nas transformações familiares.

Por fim e entre alguns outros, Friedrich Engels que escreve sobre a origem da família monogâmica como uma preocupação a transmissão de herança, sobre o casamento burguês, sobre o amor sexual que segundo o autor será possível apenas para as classes oprimidas do proletariado e por último a ideia do amor sexual individual, que pressupõe a reciprocidade no ser amado, e que o casamento das sociedades pós-revolução industrial irá surgir como forma de normatizar a vida e o amor e, ao mesmo tempo, proteger a família enquanto expressão da propriedade privada e forma de continuidade da produção capitalista de existência.

2 Revolução industrial e o impacto nas relações sociais

Entre meados do século XVIII e a segunda metade do século XIX, a Europa Ocidental passou por um processo de grandes transformações econômicas, tecnológicas e, principalmente, sociais. Iniciadas na Inglaterra, essas transformações assumiram um caráter revolucionário, embora tenham ocorrido sem derramamento de sangue e sem a derrubada de governos.

O conjunto dessas mudanças ficou conhecido como Revolução Industrial e seu impacto foi tão grande na Europa e no mundo que transfigurou não somente a sociedade inglesa, mas também a face do planeta, alterando até mesmo as relações entre o ser humano e a natureza.

Segundo o autor José Jobson de Andrade Arruda, a Revolução Industrial pode ser considerada um fenômeno essencialmente comercial e a maquinaria como o resultado desse inevitável crescimento comercial, sendo vista como uma das mais importantes entre todas as revoluções verificadas no percurso do processo histórico. “Isto porque transformou radicalmente a história mundial” (ARRUDA, 1994, p. 7).

As inovações tiveram lugar inicialmente na Inglaterra,

devido a uma série de condições favoráveis ligadas ao processo do feudalismo ocorrido na Europa Medieval. Durante a fase do capitalismo mercantil, nos séculos XV ao XVIII, tais condições se concentraram e aceleraram, com a Revolução Comercial, a conquista da América, a formação de um mercado mundial e a exploração de ouro e prata em grande quantidade nas terras americanas.

Do ponto de vista econômico, a Revolução constituiu, sobretudo, a passagem de um sistema de produção marcadamente agrário e artesanal para outro de cunho industrial, dominado pela fábrica e pela maquinaria. Uma de suas características básicas foram as sucessivas inovações tecnológicas verificadas nesse período.

Um dos impactos de uma sociedade industrializada nas relações sociais podem ser sentidas no surgimento da maior parte da classe trabalhadora fabril, o que foi fundamental para a formação do chamado capitalismo industrial.

A consolidação da Revolução Industrial em diversos países da Europa ocidental e seu consequente processo de expansão, ao longo do século XIX, acarretou diversas transformações políticas, econômicas. Mas, além de fatores materiais, políticos e econômicos, a Revolução Industrial foi também uma revolução das ideias, fomentou a ampliação dos horizontes humanos e a concepção do universo, inspirando novas atitudes e novas formas de a pessoa compreender o mundo e ela mesma.

A industrialização na Inglaterra foi muito mais do que o fruto de uma revolução técnica e científica. Ela representou uma mudança social profunda na medida em que transformou a vida dos indivíduos, implicando elevados custos sociais e, até mesmo, ambientais.

Arruda aponta como a indústria passou a modificar intensivamente os núcleos urbanos, a explosão do crescimento demográfico, assim como a alteração da paisagem urbana, em que pobres habitavam bairros populosos com péssimas condições de habitação e a burguesia morava nos lugares mais nobres e organizados.

O escritor Eric J. Hobsbawm, acerca da Revolução Industrial dialoga perfeitamente com Arruda, escrevendo que as repercussões dessa revolução não deram de maneira óbvia. Os anos de 1830 podem segundo o autor ser caracterizado pela ascensão da sociedade capitalista, por um mundo em que exatamente todas as formas de relação, como o mundo, como o meio, com o outro se pulverizaram, exceto segundo os dois autores, a respeito das relações entre o ouro e o papel-moeda.

Na esfera social, Hobsbawm aponta que um dos mais graves problemas apresentados foi o resultado da transição da nova economia sob forma de miséria e que esse ponto de descontentamento geral tanto dos trabalhadores da indústria como da população pobre das cidades foi umas das importantes lutas da revolução social que mais a frente desencadearam as revoluções de 1848.

Os trabalhadores e a queixosa pequena burguesia, prestes a desabar no abismo dos destituídos de propriedade, partilhavam portanto dos mesmos descontentamentos. Estes descontentamentos por sua vez uniam-nos nos movimentos de massa do “radicalismo”, da “democracia” ou da “república”, cujos exemplares mais formidáveis, entre 1815 e 1848, foram os radicais britânicos, os republicanos franceses e os democratas jacksonianos americanos (HOBSBAWM, 2006, p. 65-66).

Um dos pontos em comum nos dois autores gira em torno da vida nas fábricas que, segundo os autores, se apresenta de forma odiosa e com uma disciplina intolerável, em que operário passou a servir a uma máquina, se transformando num operário que desempenhava atividades cotidianas totalmente cansativas. Também se transformou num trabalhador mais vulnerável a acidentes de trabalho devido à própria condição de suas atividades. Este foi de fato um dos maiores impactos que as relações sociais sofreram com o processo de industrialização e inserção do capitalismo.

Mas até que ponto as transformações do homem em operário, e das relações entre força de trabalho, meios de produção e de uma sociedade em processo de industrialização conseguiram abalar as estruturas familiares e afetivas antigamente outras?

Para responder a essa pergunta, e que de modo dialógico os dois autores trabalham, um dos aspectos iniciais que está intrinsecamente ligado ao objetivo do artigo é que com a industrialização e a urgência por mão de obra rapidamente passou a englobar todos os membros da família como: mulheres e crianças submetendo-os ao poder do empresário capitalista. Esse será um dos pontos mais importante da forma como a família irá absorver essas novas demandas e como isso irá repercutir nas reformulações de papéis, de homem, mulher, esposas e maridos.

Um dos aspectos do processo de Revolução Industrial que resinificou as estruturas de famílias, foram certas funções femininas, como as tarefas domésticas, o aleitamento e a educação das crianças, que foram quase

totalmente suprimidas, causando um considerável descontrole familiar, inclusive os salários das mulheres e das crianças eram bem menores do que os dos homens.

O ponto mais importante até aqui, foi revelar como esses dois autores apreenderam as causas da Revolução Industrial e os impactos nas relações sociais. Nunca um período se revelou tão intenso e ávido a mudanças como o período da Revolução Industrial pode nos reiterar, a contextualização sob esses dois pontos de vistas singulares e dialógicos nos revela muito mais que um contexto simples em mudanças, a Revolução Industrial não apenas destruiu velhas estruturas como a população agrícola, mas reestruturou novas formas e práticas, como o crescimento urbano, demográfico.

A demanda por mão de obra, a inserção de mulheres e crianças nas fábricas, é todo um conjunto de transformações sociais que englobaram muito mais que a força do mercado, mas englobaram pessoas e sentimentos. O mundo de 1789, segundo Hobsbawm, era essencialmente rural, a ideia de mundo conhecido era em muitos aspectos menor, as formas de comunicação e de acesso a essas comunicações também eram menores. É com a Era das Revoluções que a ideia da pessoa sobre ela mesma, do mundo, da sua volta será totalmente reformulada, e as novas formas e práticas de se interagir com esse novo mundo, vão passar a exigir novas formas de relacionar com o outro.

3 Novas práticas e representações familiares e femininas no século da industrialização

Este artigo tem como objetivo apreender as formas de representações do mundo social e das formações de família na era das revoluções se preocupou em estabelecer e conceituar ao que nos referimos como representações, para isso se estabeleceu como amparo teórico os conceitos de Roger Chartier.

Segundo o autor, todas as formas de lutas de representações têm tanta importância quanta às lutas econômicas, pois por meio das representações é possível compreender os mecanismos que conceberam tal ordenamento do mundo social. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são os seus, e seu domínio (CHARTIER, 2002, p. 17).

Pensando assim, segundo o autor, quaisquer formas de representações do mundo social, não serão um discurso neutro, e aqui podemos abranger os discursos de família, de casamento, de relações sociais e afetivas, evidenciando que esses discursos muito contrários do que se pensam, são discursos que produzem consigo estratégias e práticas.

As representações do Mundo social não são de forma alguma discursos neutros: produzem **estratégias e práticas** (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projecto reformador ou justificar, para os próprios indivíduos as suas escolhas e condutas. (CHARTIER, 2002, p. 17).

As novas formas de se relacionar com o mundo e com o outro só surgem porque novas práticas e estratégias surgiram para corresponder essa nova realidade. O ponto de ligação de Chartier com os outros autores, está em identificar nos autores que se trabalham ao longo deste artigo, as novas formas de representações nas relações familiares, sociais e amorosas como parte importante ao cumprimento do objetivo do artigo.

Com base nisso, segundo Chartier não podemos falar apenas em ‘representação’ e sim de ‘representações’ pois mesmo um corte temporal pequeno não abrange apenas uma forma de representação e sim várias formas de representações.

Cada tempo exigirá, assim, seu conjunto próprio de estratégias, práticas e representações de família, e o século XIX e o período da Revolução Industrial é riquíssimos no surgimento dessas novas formas de representações, representações que o tempo todo está em processo de construção, de mudança e de reformulações e Roger Chartier evidencia com maestria que todas as formas representações sociais são construídas e que elas serão sempre determinadas pelos interesses do grupo dominante e das forças atuantes. “As representações do Mundo Social assim construída, [...], são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (CHARTIER, 2012, p. 17).

Mas que novas formas de representações familiares e amorosas são essas que surgem para satisfazer essa nova demanda de um mundo industrializado?

Para responder essa pergunta, foi necessário observar formas de representações familiares encontradas nos séculos XIX que não foram percebidas da mesma ma-

neira ou com a mesma intensidade nos séculos anteriores, uma forma apreensível é o surgimento de novos ideais de amor e casamento que passaram a dominar o período. A forma como o tema do amor romântico tornou-se presente nos romances, nas literaturas nos discursos e falas é de fato notável. O século XIX diferentemente do século XVIII é caracterizado por um conjunto de práticas, regras e normas que se espalhou pelo ocidente que atribuía importância à formação da família, trás consigo o ideal de um amor doméstico, puritano e casto, e de que a mulher ideal ao casamento e a constituição familiar estaria ligada exclusivamente a mulher virginal.

A Revolução Industrial marcadamente destróçou a longa e estável tradição familiar camponesa, foi com a inserção da Indústria que tudo passou a se modificar, a mulher, como o marido e os filhos transformaram-se em escravos do salário, recebendo menos ou pouco mais da metade do que se ganhava um homem.

Remetendo-nos ao que foi dito num momento anterior em que o autor Chartier escreve que as representações sociais são construídas e determinada pelos interesses do grupo dominante e das forças atuantes, o século da industrialização como força dominante atuou de maneira restritiva sobre a educação feminina, com a única finalidade de a fazerem boas esposas e donas de casa eficientes, sobre a maneira de se vestir, portar e atua sob a sociedade, e é perceptível a forma como a industrialização atuou de maneira intensiva e reguladora sobre o papel da mulher e a sua incapacidade de se amparar.

É notável perceber que as formas de casamento e de representações familiares característico do século estão nas formas de ligações conjugais que não estão livres completamente da realidade financeira, ainda mais se pertencesse à família aristocrática.

Outro elemento importante nas representações de família, está na forma como antes da Revolução Industrial as famílias eram unidades mais extensas, incluindo pai, mãe, filhos, tios, avós, e que as experiências eram divididas e sentidas por todos e geralmente no campo. Com o processo de Revolução Industrial e o deslocamento para os centros urbanos, o a família como um todo passa a trabalhar ou nas fábricas ou em escritórios, fazendo surgir a família nuclear que engloba pai, mãe e filhos.

A partir de 1860, um novo século XIX parece iniciar, as transformações tecnológicas e culturais foram muitas e como conseqüências surgiram novas formas de pensar e viver, como por exemplo: o telefone, o telégra-

fo sem fio, o cinema, a bicicleta, o automóvel, o avião, proporcionaram novas percepções de realidade. A aceitação para o trabalho das mulheres solteiras, e instituições superiores dedicadas ao sexo feminino, tudo isso fez repercutiu novas formas de representações familiares, a possibilidade das mulheres começarem a trabalhar fora, a conquista pelo direito ao divórcio, fez com que o casamento por interesse econômico apenas, começasse a dar seus sinais de seu desaparecimento.

Os parâmetros de moralidade entre homens e mulheres estavam se rompendo e um novo conceito de família ao final do século XIX surgiu, um casal agora em que a mulher era mais informada e um homem que se preocupava com sua parceira.

As conquistas de espaços garantidos pela mulher no final do século, de fato, repercutiram nas novas formações familiares e, segundo a autora Simone de Beauvoir no livro: *O Segundo Sexo*, as mudanças nas estruturas familiares vão se dar à medida que liberam a participação da mulher na produção e a libertam da condição de, apenas seres reprodutores, esses fatores, segundo a autora, são os aspectos mais revolucionário do século XIX, revolucionário nesses dois pontos: liberação e libertação, que a indústria pode fornecer à liberação dos espaços femininos e a reconquistas de direitos até então negados.

A mulher reconquista uma importância econômica que perdera desde as épocas pré-históricas, porque escapa do lar e tem, com a fábrica, nova participação na produção. [...] Essa é a grande revolução que, o século XIX, transforma o destino da mulher e abre para ela uma nora era. [...] Porque é pelo trabalho que a mulher conquista sua dignidade de ser humano; mas foi uma conquista singularmente árdua e lenta (BEAUVOIR, 1980, p. 148).

4 Industrialização e transformações da família e do amor

Escrever sobre família, antes de mais nada, é abarcar uma multiplicidade de discursos que definem o que seja uma família, que abrangeria desde discursos religiosos, políticos, morais, legais, assim como o que cada indivíduo entende por família.

Para se falar de família, é necessário ser estabelecido de antemão o que se entende por conceito de família. Este artigo usará para isso o conceito de família de Saraceno que compreende a família como a união de um marido e uma mulher que juntos darão início a uma família.

(“Sobretudo do léxico coloquial (familiar), um marido e uma mulher, que juntos dão vida a uma (família)”) (SARACENO, 1997, p. 11). Ou mesmo “uma associação de um pequeno número de pessoas, que se reproduz no seio cada vez de grupo mais vastos exatamente sob a mesma forma e que emana de interesse simples, acessível a cada um” (SIMMEL, 1993, p. 20).

Sendo assim, partiremos do pressuposto da família como construção social, como um espaço não apenas comum, natural e simbólico, mas a família se mostra segundo Chiara Saraceno um lugar favorável a construções de representações sociais da realidade, assim como, das práticas e das formas individuais de significarem o meio e as relações com outro, pois é na família que segundo a autora noções de regras, comportamentos, sexualidade são estabelecidas e naturalizadas.

A Família revela-se como um dos lugares privilegiados de construção social dos acontecimentos e relações aparentemente mais naturais. De facto, é dentro das relações familiares, tal como são socialmente definidas e regulamentadas, que os próprios acontecimentos da vida individual que mais parecem pertencer à natureza, recebem seu significado e através destes são entregues à experiência individual: o nascer e o morrer, o crescer, o envelhecer, a sexualidade, a procriação (SARACENO, 1997, p. 12).

Segundo George Simmel, apesar das palavras casamento, família parecerem em primeiro momento simplista e rápido a associações e definições óbvias. A família, como espaço social, se mantém como um lugar de interesses de poder, sejam ele políticos, econômicos, religiosos ou eróticos, e que esses poderes se estabelecem sob a família de forma alternada, atuando sobre a vida dos homens juntos. Nesse sentido, a família no processo de industrialização passará por uma série uma série de transformações. Vale, nessa perspectiva, questionar até que ponto o processo de industrialização conseguiu reestruturar as antigas formas de representações?

De certo modo, alguns fenômenos que acompanharam a industrialização na Europa marcaram direta e indiretamente a organização familiar. Segundo Chiara Saraceno, pelo menos três fenômenos são respostas a esse processo de Revolução Industrial.

O primeiro efeito deles é a forma como a introdução do sistema de fábrica modifica a divisão do trabalho familiar e em primeiro momento as divisões claramente expressa serão as divisões reprodutivas das produtivas e a nítida divisão dos deveres e dos espaços para homens

e mulheres dentro da família, apontando que o processo de industrialização fez surgir dois novos personagens, a nível urbano e das classes trabalhadores o: operário e a doméstica. Onde a maternidade situa mais decisivamente as mulheres fora dos locais de trabalho mais modernos, mais visíveis; que são também os locais onde os trabalhadores começam a organizar-se enquanto tal. E por essa razão os homens adultos passarão mais tempo fora da família. (SARACENO, 1997, p. 35).

O segundo efeito apresentado pela autora diz respeito às relações entre as gerações na família e a solidariedade econômica, pois a família continuou a constituir um elemento muito forte, em que parte dos membros da família manda todo ou parte do salário para casa dos pais.

E um terceiro elemento, segundo a autora, é o que ela denomina de 'transição demográfica' que foi a passagem da alta taxa de mortalidade e fecundidade próprias das sociedades anteriores a período industrial, caracterizado agora nesse novo contexto por uma baixa mortalidade, mas também por uma baixa fecundidade.

Uma longa fase intermediária deste processo, coincidente com o período da primeira industrialização, viu ao mesmo tempo a descida da mortalidade, devida a melhoramento das condições higiênicas e de saúde, e uma subida da fecundidade, devida sobretudo a um aumento das taxas de casamento, que se realizavam também em idades mais baixas. (SARACENO, 1997, p. 36).

A autora finaliza apontando que os fenômenos tiveram efeitos diferentes em cada país, mas a autora enfatiza que é certo que o processo de emigração e proletarianização modificaram os costumes matrimoniais e as formas de controle da parentela, isso também é resultado das bases econômicas do casal ter sido alterada, em que, cada vez mais, o parceiro se torna menos companheiro de trabalho, e cada vez mais parceiro de rendimento.

As formas de representações do amor romântico e da família em plena era da racionalização do tempo, do espaço e do capital, foi resposta a um processo de industrialização que avançava de maneira intensa e performática, em que a vida urbana passa a substituir a vida comunitária e com isso as relações sociais e familiares torna-se cada vez mais afastadas.

Remetendo-nos aos escritos de Friedrich Engels sobre *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, é enriquecedor no que concerne às várias formas e origens da família ao longo da historiografia. Segun-

do o autor, existiram quatro⁴ formas de famílias desde a formação da civilização, a família monogâmica como a mais contemporânea e atual, surge como necessidade da afirmação do homem como superior e como finalidade exclusiva na procriação de filhos que a paternidade seja indiscutível, pois, na qualidade de herdeiros, um dia teriam a posse dos bens do pai. "A monogamia nasceu da concentração de grandes riquezas nas mesmas mãos - as de um homem - e do desejo de transmitir essas riquezas, por herança, aos filhos deste homem, excluídos os filhos de qualquer outro." (ENGELS, 1985, p. 82).

Para Simmel essa noção de paternidade, associada à ligação estritamente sanguínea coincide e reforça com as ideias de Engels, pois segundo Simmel, a paternidade não adquiriu demasiada importância enquanto não ocorreram mudanças significativas na propriedade privada, pois o homem detentor de uma posse pessoal desejou deixar a um herdeiro do próprio sangue.

Simone de Beauvoir, no livro *O Segundo Sexo*, faz, também referências à evolução da propriedade associada à prerrogativa de paternidade, e as diferenças nos modelos anteriores para as novas representações visíveis do mundo contemporâneo e a nova forma de família em que a mulher é o ser oprimido. O direito paterno substitui-se então ao direito materno; a transmissão da propriedade privada faz-se de pai a filho e não mais da mulher a seu clã. É o aparecimento da família patriarcal baseada na sociedade privada. Nessa família a mulher é oprimida. (BEAUVOIR, 1980, p. 75).

Um dos pontos mais importantes ressaltados por Engels são os efeitos da monogamia como um grande processo histórico que segundo o autor pode ser encarado como um retrocesso relativo que desencadeou a primeira opressão de classes, que foi a opressão do sexo feminino pelo sexo masculino, dentro do lar, da família, da sociedade, do mercado de trabalho e entre tantos setores,

⁴ As quatro formas: A primeira diz respeito à família consanguínea que é o casamento de: irmãos e irmãs, carnis e colaterais, no seio de um grupo. Segundo a família punaluna: casamento coletivo de grupos de irmãos e irmãs, carnis e colaterais, no seio de um grupo. Terceiro a família sindiásmica: as uniões por casal, por um tempo mais ou menos longo, faziam-se já sob o regime do casamento por grupos, ou mesmo mais cedo; o homem tinha uma mulher principal (não podemos dizer uma mulher favorita) entre o número das suas mulheres, e era para ela o esposo principal entre todos os outros. O quarto e a forma mais contemporânea de família a família monogâmica: união de um só casal, com coabitação exclusiva dos cônjuges.

que ainda hoje podem se ver as marcas desse retrocesso em que o desenvolvimento só se deu e se dá sobre medida e custa como o autor mesmo utiliza, da dor e da repressão de outros.

A primeira divisão do trabalho é a que se fez entre o homem e a mulher para a procriação dos filhos”. Hoje posso acrescentar: o primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher, na monogamia; e a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. A monogamia foi um grande progresso histórico, mas, ao mesmo tempo, iniciou, juntamente com a escravidão e as riquezas privadas, aquele período, que dura até nossos dias, no qual cada progresso é simultaneamente um retrocesso relativo, e o bem-estar e o desenvolvimento de uns se verificam às custas da dor e da repressão de outros. É a forma celular da sociedade civilizada, na qual já podemos estudar a natureza das contradições e dos antagonismos que atingem seu pleno desenvolvimento nessa sociedade (ENGELS, 1985, p. 70-71).

No que tange à família, Friedrich Engels faz referência que a família monogâmica foi a forma que as famílias puderam desenvolver o amor sexual moderno, mas isso não representa que ele tenha se desenvolvido sob forma de amor mútuo do casal, por que segundo o autor “em todas as classes históricas ativas, isto é, em todas as classes dominantes, o matrimônio continuou sendo o que tinha sido desde o matrimônio sindiástico, coisa de conveniência, arranjada pelos pais.” (ENGELS, 1985, p. 75).

Para Simmel, o amor hoje como prerrogativa do casamento monogâmico, originalmente nada teve a ver com ele na origem, o casamento e as uniões familiares eram feitas em casos a parte é só depois que a possibilidade do amor como prerrogativa se fizera nascer.

O amor individual, que hoje segundo a opinião geral, é o fundamento do matrimônio e a fonte determinantes de suas qualidades e do seu desenrolar, não tinha originalmente nada a ver com ele; ao contrário, as condições e conteúdos particulares do casamento decorreram de causa a parte, com muita frequência bastante exteriores, e fizeram nascer o amor, por sua vez, como uma relação individual do coração. (SIMMEL, 1993, p. 33).

Sobre o casamento burguês, segundo Engels, a forma de casamento se assume em duas feições, o primeiro nos países católicos em que os pais são os que escolhem ao jovem burguês a esposa que melhor lhes convém e o segundo nos países protestantes, que a regra é conceder ao jovem burguês mais ou menos liberdades para pro-

curar uma esposa, desde que dentro da sua classe. Nesse ponto o autor afirma que a possibilidade para o amor dentro do casamento pôde, nesses casos, acontecer.

Com o processo de industrialização, Engels argumenta alguns efeitos situados nas novas formas de representações de família e, inclusive, da ideia de amor que passa a se dar, pois a grande indústria arrancando a mulher do lar e a atirando ao mercado de trabalho e à fábrica de maneira exaustiva, sub-humana, e com altas horas de jornada de trabalho, faz com que as formas de relações passem a mudar e toda a supremacia do homem no lar proletário passa a ser anulado e dissolvido. A mulher nesse momento reconquista na prática seu direito ao divórcio e aos casais da família proletária surge à possibilidade do casamento por amor.

Assim, pois, a família do proletário já não é monogâmica no sentido estrito da palavra, nem mesmo com o amor mais apaixonado e a fidelidade mais absoluta dos cônjuges, e apesar de todas as bênçãos espirituais e temporais possíveis. Por isso, o heterismo e o adultério, eternos companheiros da monogamia, desempenham aqui um papel quase nulo; a mulher reconquistou, na prática, o direito de divórcio e os esposos preferem se separar quando já não se podem entender um com o outro. Resumindo: o matrimônio proletário é monogâmico no sentido etimológico da palavra, mas de modo algum em seu sentido histórico (ENGELS, 1985, p. 78).

O processo histórico anterior a Revolução Industrial é evidenciado segundo o autor por casamentos resultados de arranjos políticos e econômicos, e que por isso duravam a vida toda. Não havia nesse período por parte dos cônjuges, romance, expectativas de satisfação sexual, e a própria ideia de separação.

Viver o amor romântico em plena era da racionalização do tempo, do espaço e do capital foi o caminho que os casais encontraram para suportar o afrouxamento das relações sociais e o distanciamento da vida familiar, mesmo que não separado totalmente da vida financeira.

Pesando questões de família e casamento é interessante pensar como o Brasil no século XIX enfrentou essas mudanças? As mudanças ocorridas no mundo, possibilitou intensas mudanças também no Brasil, Mary Del Priore no livro *História do amor no Brasil*, pensando essas transformações escreve que por mais que os espaços de encontros tenham se multiplicados no início do século XIX, os motivos do casamento e da formação familiar ainda estava longe da emoção. E que os matrimônios, por exemplo, entre as elites brancas do Brasil eram de signifi-

cativa importância no que tange à ascensão e privilégios econômicos e político, mostrando, claramente, uma forma de representações familiares que beiravam exclusivamente acordos econômicos.

Testamentos revelam tensões entre pais que viam os filhos contrariá-los ao casar por amor. Veem-se também, instantâneos de noras e genros premiados por tratar bem os sogros e possuidores de dinheiro. Longe de fazer diminuir tal hábito ou em vez de promover o enfraquecimento das relações familiares, a vida urbana reforçou-as. [...] Ou seja, enorme cuidado na manutenção de grupo do mesmo nível econômico e social (DEL PRIORE, 2006, p. 157-158).

E, também, segundo a autora, um quadro diferente é perceptível nas classes mais baixas e humildes, em que a formação familiar nesse contexto estava intrinsecamente ligada ao carinho, amor e ao afeto. Essas uniões eram duradouras justamente pelos sentimentos que unia o casal. A vida era mais simples e os bens quase não havia para dividir, e, assim só os restaria compartilhar o amor.

E o quadro mudava, contudo entre os humildes? Carinho e amor são aspectos relevantes nos casamentos de pobres e libertos. Talvez, por isso, essas uniões não se desfizessem com facilidade. Os padrões de moralidade eram mais flexíveis e havia pouco a se dividir ou oferecer em uma vida simples. Estudos feitos sobre recenseamento populacional em São Paulo, em 1836, revelam que os dados sobre a população casada não deixam sobra de dúvidas: As uniões legítimas comumente ocorriam entre pessoas do mesmo grupo social. Brancos, pardos e negros casavam mais entre si e, do mesmo modo, livres, escravos e libertos. Grande parte da população vivia em concubinato, da mesma forma que já observamos no período colonial. (DEL PRIORE, 2006, p. 159).

O processo de industrialização à medida que avançava, e à medida que a vida urbana passou a substituir a vida comunitária, as relações sociais e familiares tornaram-se mais afastadas. O conceito de família foi se afrouxando, transformando as grandes famílias que compartilhavam tudo, pela família nuclear mãe, pai, filhos convivendo, sozinhos na cidade.

A família monogâmica em plena era de industrialização foi à única forma familiar que desenvolveu segundo Friedrich Engels o amor sexual, o amor que pressupõe a necessidade de ser amado igualando nesse sentido o: homem e a mulher. Os filhos não nascem como premissa apenas de serem legítimos ou ilegítimos, mas sim, com as prerrogativas se são filhos do amor, contudo, nas classes burguesas, com algumas exceções, a premissa da proprie-

dade privada e da preponderância dos direitos paternos, e da monogamia continuaria a estar ligadas principalmente por eixos econômicos.

O matrimônio, pois, só se realizará com toda a liberdade quando, suprimidas a produção capitalista e as condições, de propriedade criadas por ela, forem removidas todas as considerações econômicas acessórias que ainda exercem uma influência tão poderosa na escolha dos esposos. Então, o matrimônio já não terá outra causa determinante que não a inclinação recíproca. (ENGELS, 1985, p. 89).

Finalizamos este artigo com o parágrafo acima escrito por Engels, que explicita dizendo que a possibilidade para o amor dentro das formações familiares, só pode e será possíveis quando as produções capitalistas e todas as ramificações econômicas forem suplantadas, porque só assim restariam as pessoas a união e a formação familiar exclusivamente por amor.

5 Considerações finais

O estudo apresentado neste artigo sobre família e o amor e as suas formas de representações do século XIX em plena era da industrialização e da consolidação do capitalismo foi fruto de uma série de indagações e levantamentos que já foram pontuados ao decorrer do artigo e de intensas leituras, anotações e reformulações. Além de trazer repostas, o artigo se preocupou em levantar perguntas, o que me moveu ao longo de todo artigo foi apresentar a família e o amor como uma construção social, como resposta a um conjunto de incontáveis mudanças que exigiram novas práticas e estratégias advindas com a era das revoluções.

Nesse sentido o diálogo traçado entre os autores por meio de uma revisão bibliográfica pode, na medida do possível, compreender a partir da Revolução Industrial que de fato novas práticas e representações do amor e da família se deram a partir do processo de industrialização. A Revolução Industrial conseguiu remodelar toda uma sociedade, a sociedade do século XIX da forma como é apresentada, em nenhum momento até então, tinha se deparado com esse novo ideal de homem, de mulher, de trabalho e de relações familiares e afetivas.

Falar de família implicou falar de relações sociais, de relações afetivas, relações conjugais, e também falar de relações econômicas e políticas. Falar de família no século XIX é ser apresentado a um novo homem e a uma nova mulher, com seus respectivos papéis. Esses papéis

em plena era de racionalização do tempo, das atividades, da propriedade privada, das relações de trabalho, fizeram repercutir uma novas formas de representações de família, uma família que ora estabelece novas tradições, padrões mas que também mantém consciente e inconsciente algumas outras, que, ao mesmo tempo é consequência de uma série de mudanças, mas é também agente dessa mudança. São esses aspectos que nos interessaram ao trabalhar com esse tema. Falar de família é falar de espaço de poder, é falar de uma multiplicidade de discursos que ora influenciam ora se interferem, discursos como apreendido ao longo deste artigo, que não são neutros, mas que ao contrário reproduzem consigo uma infinidade práticas e inclusive de outros discursos.

O artigo ao que se propôs está aberto a diálogo e a possíveis outras interpretações e contestações, podendo ter continuidade numa próxima investigação. Servindo tanto para estudantes em graduação quanto público e aos que se interessem pelo tema no que se refere a uma outra possibilidade para estudar um período tão intenso e ávido a mudança como foi o século XIX .

Recapitulando a proposta deste artigo, buscou-se estabelecer um diálogo que conseguisse apreender como esses diversos autores pensam o modo como essas relações familiares no mundo contemporâneo vão ser construídas como resposta a uma nova ordem, fazendo perceber que as novas formas de se relacionar com o mundo também exigiram novas formas de se relacionar com o outro, o que passará a influenciar na mudança de papéis e de estruturas antigamente outras, construindo novos modelos de relacionamentos, de família e da própria concepção do que é o amor.

Referências

- ARRUDA, José Jobson de Andrade. *A Revolução Industrial*. 3. ed. São Paulo: Ática, 1994.
- BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- CANÊDO, Letícia Bicalho. *A Revolução Industrial*. 13. ed. São Paulo: Atual, 1994.
- CHARTIER, Roger. *História cultural, entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- DEL PRIORE, M. *História do amor no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DUBY, Georges; PERROT, Michele. *História das mulheres no Ocidente: o século XIX*. Porto: Afrontamento, 1991.

ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. 10. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1985.

GEORG, Simmel. *A filosofia do amor*. São Paulo: M. Fontes, 1993.

HABERMAS, Jürgen. *Era das transições*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2013.

HOBBSAWM, Eric J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

IGLÉSIAS, Francisco. *A revolução Industrial*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SARACENO, Chiara. *Sociologia da família*. Lisboa, Editorial Estampa, 1992.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.